

Anexo 16

O LIXO AMIGO DE TODOS

Um prédio na Avenida Paulista mostra que a coleta seletiva só faz bem

A AVENIDA PAULISTA já foi eleita pelos paulistanos como símbolo da cidade. Pena que o programa de reciclagem de lixo adotado pelo mais tradicional edifício da avenida, o Conjunto Nacional, localizado no cruzamento com a rua Augusta, ainda não possa ser considerado um símbolo de como a cidade recicla o seu lixo. Há nove anos, o condomínio implantou, por sua própria iniciativa, um programa de coleta seletiva de lixo que recolhe 20% das 90 toneladas de resíduos sólidos geradas mensalmente pelos 48 apartamentos e 400 empresas do edifício. O programa tem mostrado que é possível aos moradores fazer algo pelo meio ambiente da cidade sem ter que depender de políticos ou administradores

Os 20% recolhidos, embora sejam apenas uma parcela do total, representam 18 toneladas de materiais que deixam de se amontoar nos praticamente esgotados aterros da cidade. Desde sua criação, o programa recolheu 169 toneladas de papel, 395 toneladas de papelão, 311 toneladas de jornais e revistas, 37 toneladas de vidro, 7 toneladas de plástico e 10 toneladas de alumínio. "É um projeto vitorioso", diz Vilma Peramezza, gerente do condomínio e responsável pela implantação do projeto. "Nosso programa virou referência no país e tem ajudado a mudar a ma-

neira como as pessoas encaram o lixo."

Além do evidente ganho ecológico, o projeto cuida para que os benefícios sejam revertidos para as pessoas que participam diretamente da coleta. O dinheiro arrecadado com a venda dos materiais recicláveis é investido na melhoria de vida dos funcionários. Eles recebem ajuda para a compra de material escolar dos filhos ou gratificação extra no período de Natal para melhorar a ceia. Além disso, os recursos são empregados na compra de equipamentos (televisão, videocassete, geladeira e máquinas de café) para as salas de apoio do condomínio, onde os funcionários podem descansar ou tomar lanche.

Neste ano, boa parte da decoração natalina do Conjunto Nacional será feita com os materiais recicláveis coletados no prédio. Dez entidades que dão assistência a pessoas deficientes ou carentes foram contratadas para criar a decoração, que será composta de 60 anjos, um presépio e três grandes reis magos — tudo feito de lixo. Assim, o Conjunto Nacional faz uma boa ação e ainda divulga os benefícios da coleta seletiva para as mais de 20 000 pessoas que passam diariamente pelo prédio. "A coleta seletiva só vai vingar em São Paulo se as pessoas forem envolvidas em projetos participativos e é isso que queremos fazer", afirma Vilma.

DEZEMBRO - 2004

SUPERESPECIAL ECOLOGIA 63

Anexo 17

A ONÇA E O VEADO

Um dia, o veado realmente se cansou de dormir numa toca e decidiu, por isso, construir para si uma casa como a dos homens.

Escolheu um belo local ensolarado, na beira da floresta e não longe do rio, e começou a juntar pedras, galhos e até troncos de árvores para fazer o seu trabalho. Trabalhou o dia inteiro com afinco e, quando a noite chegou, o veado dormiu um sono de pedra.

Naquela mesma noite, por acaso, a onça veio rondar por ali. Assim que ela viu todos os materiais acumulados pelo veado, uma idéia lhe veio à cabeça:

“Espera aí! Eu bem que poderia construir uma casa para mim aqui: tenho tudo o que é necessário, como pedras e madeira bem embaixo das patas!”

Dito e feito, começou a trabalhar no mesmo instante. E, constrói que constrói, trabalhou até o amanhecer.

Quando o cansaço veio lhe fechar os olhos, ela voltou ao lugar onde sempre dormia, na mata alta.

Assim que ela saiu, o veado voltou. E não podia acreditar no que via: sua casa já estava meio construída!

“É claro”, pensou ele, “Tupã, o espírito benfazejo, veio me ajudar durante a noite, e recomeçou o trabalho com entusiasmo”. E aquilo continuou enquanto a casa não ficou pronta. O veado construía de dia, a onça construía de noite. Cada um deles imaginava que Tupã, o espírito benfazejo, o estava ajudando. E nenhum dos dois tinha a menor desconfiança da existência do outro.

Aí então o veado tomou posse do lugar. Passou o dia passeando orgulhosamente em redor da casa, contando a todo mundo como a construção fora rápida!

À tardinha, chegou a onça. Furiosa, rosnou:

– O que estás fazendo na minha casa?

– Tua casa? Que história é essa de tua casa? Quem a construiu trabalhando todos os dias fui eu; e à noite Tupã, o espírito benfazejo, continuava meu trabalho.

– O espírito benfazejo era eu – resmungou a onça, cada vez mais furiosa. – E eu também acreditava que era Tupã que fazia a minha tarefa durante o dia.

O que fazer? De boa vontade ou não, o veado e a onça se conformaram em morar juntos. Mas aquilo estava longe de ser agradável e cada um deles procurava um bom meio de se livrar do outro.

E, pelo menos por uma vez, os dois tiveram a mesma idéia.

A onça deu um jeito de matar um veado novo, carregou-o nas costas e levou sua presa para casa,

toda feliz diante da idéia do terror que aquilo ia provocar no seu companheiro forçado.

Mas teve uma surpresa bem desagradável: o veado estava diante da casa, e a seus pés jazia o cadáver de uma oncinha.

– Tu a mataste? – perguntou, assustada, a onça.

– Claro, não sabes que minha caça favorita é a onça – zombou o veado... Mas as palavras lhe morreram na garganta quando ele viu o que a onça vinha trazendo. Toda a sua soberba ruiu, e o amigo veado, louco de medo, fugiu sem virar para trás!

Se tivesse virado para trás, teria visto a onça que também fugia, galopando como uma desesperada!

Foi assim que os dois, levados pelo medo, abandonaram a casa!

E não adiantava mais falar em compartilharem da mesma morada!

Anexo 18

OS OLHOS DA ONÇA

A onça tinha recebido uma boa lição. Tinha medo da água e do fogo, mas a sua fome insaciável a obrigava a se apossar de tudo aquilo que ela encontrasse no caminho, para devorar.

Um belo dia, ela encontrou o jabuti, que estava cozinhando um tapir numa panela de barro. Parou bem perto e, como o aroma delicioso da carne fosse tão forte que fazia rodar a sua cabeçorra, ela propôs uma troca ao jabuti:

– Dá-me, nem que seja só um pedacinho, e dividirei a minha caça contigo.

– O quê? – retorquiu o jabuti. – Tudo o que pegas, engoles na mesma hora. Sei como és, não deixas sequer um osso.

A onça tentou por todos os meios convencer a tartaruga. Teria comovido uma pedra, mas o jabuti continuou inflexível. Tirou a panela do fogo e começou a comer sozinho. Espetava os pedacinhos de carne cozida com um galhinho e os engolia fazendo um grande barulho com os maxilares.

A onça não agüentava mais. Deu um pulo e quis enfiar a pata na panela, para também tirar algo para si. Mas o jabuti foi mais rápido. Pegou uma



pedra e a jogou na água que ainda estava fervendo. A saltadora não teve tempo de se afastar e a água pulou nos seus olhos e a cegou. Ela saiu a galope, gemendo de dar dó, enquanto o jabuti ria maldosamente.

E a tartaruga não foi a única. Quando os outros animais perceberam que aquela onça tão temida estava cega, começaram a atormentá-la. Os papagaios a bicavam sem parar e a infeliz estava perdendo todo o pêlo, os macacos lhe atiravam pedras, e coberta de feridas ela mal conseguia se arrastar.

Apenas o abutre teve pena dela. Ele a protegeu, com as asas e o bico, contra aqueles inimigos acirrados, e, quando a noite chegou, abrigou o desafortunado animal sob suas asas. Depois lhe disse:

– Fica tranqüila, vou procurar olhos novos em folha para ti, mas terei de percorrer um longo caminho. Bem no alto das montanhas, lá onde nem o musgo nasce, e onde sopra o vento gelado das tempestades, floresce, todas as noites, uma flor prodigiosa, a Konomemura. Todas as manhãs, caem pequenas sementes dessa flor, minúsculas e tão brilhantes quanto os pirilampos. Vou trazer algumas sementinhas para ti e colocá-las nas tuas órbitas. Espera por mim aqui, e não faças nem o menor movimento, para evitar que alguém te veja...

O abutre fez o que prometera. Durante toda a noite, voou muito alto, cada vez mais alto, até os picos nevados da montanha, e justamente antes do nascer do sol, no exato momento em que as sementes saíam de Konomemura, como minúscu-

las estrelas verdes, ele chegou. Pegou cuidadosamente duas sementes, escondeu-as debaixo das suas penas, e tomou o caminho de volta. Durante o dia inteiro, foi descendo e finalmente, ao pôr-do-sol, chegou aonde estava a onça. Ela o aguardava, impaciente.

– Até que enfim estás de volta! Não bebi nem uma gota de água, de tanto medo que tinha de que alguém me visse, gemeu ela. A fome me deixou tão fraca que mal consigo falar.

– Ah, não gemas! – replicou severamente o abutre. – E mesmo que estejas tão faminta quanto afirmas, fica quieta ainda um momentinho, enquanto te coloco teus novos olhos, para que ninguém dê o alarme.

Então a ave pegou as duas sementinhas e as colocou nas órbitas vazias da onça.

Naquela escuridão profunda, os olhos da fera começaram a brilhar como duas pequenas lanternas verdes.

– Viva! estou enxergando! estou enxergando! – gritou a onça a todos os ecos da floresta. Como se vê, a alegria a fizera esquecer os conselhos do abutre. Por um momento, ela pulou e deu gritos de alegria, depois saiu correndo à procura de caça.

Enquanto ela caçava, o abutre, acomodado num galho, dormia a sono solto, depois de sua longa viagem. Acordou quando nos céus o sol estava no zênite. E o que viu?

A onça estava junto da árvore, tendo ao seu lado um tapir morto, e gritava:

– Ei, abutre, vem almoçar, irmãozinho; deves estar com fome, depois de uma aventura tão grande!

Não precisou falar duas vezes. O abutre veio pousar no chão e, na mesma hora, os dois começaram o banquete.

Desde aquele dia, todos os dias a onça convida o abutre para o café da manhã, em agradecimento por ele lhe ter dado olhos novos, de um verde tão lindo, que brilham como as sementes de Konome-mura, a flor mágica.

Anexo 19

COLÉGIO ESTADUAL ABRAHÃO ANDRÉ,
CATALÃO, _____ DE _____ DE 2007.

PROFESSORA: _____

ALUNO(A): _____ ° ANO

TRABALHO LITERÁRIO

Nos últimos dias, lemos a maravilhosa obra "Fábulas de Esopo" e agora vamos fazer algumas atividades sobre ela.



1- De acordo com o que estudamos, como você define uma fábula?
Explique com as suas palavras.

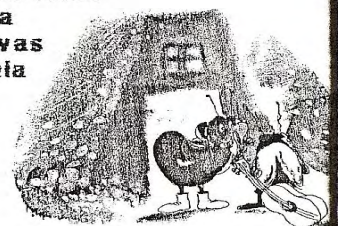
2- Marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas, de acordo com a história:

Quando a montanha rachou, dela saiu apenas um ratinho, para surpresa geral.	V	F
O rato do campo gostou tanto da vida na cidade que resolveu ficar lá para sempre.	V	F
Um dia, roendo a rede em que o leão se achava preso, o ratinho pôde ajudar o rei das selvas.	V	F
Durante o inverno, as formigas acolheram a cigarra, por admirar muito o canto dela.	V	F
Durante a assembléia dos ratos, vários queriam pendurar o queijo no pescoço do gato.	V	F

3- Associe os pensamentos às histórias:

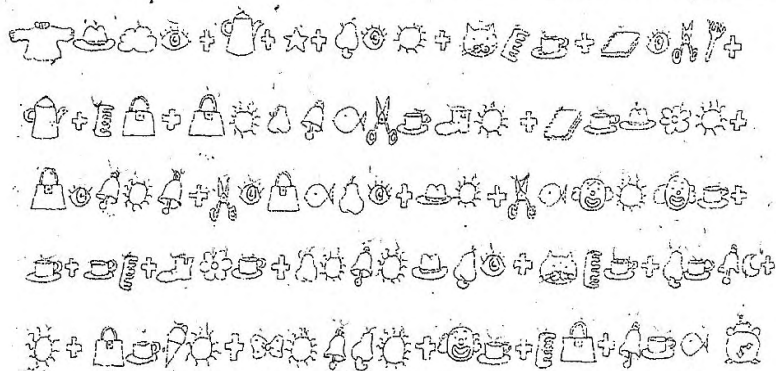
- a) os preguiçosos nada têm a colher.
- b) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
- c) Cada um deve se contentar com o que é.
- d) Quem desdenha quer comprar.
- e) Não há beleza perfeita.
- f) Falar é fácil; fazer é outra conversa.

- () o corvo e o pavão
- () a cigarra e as formigas
- () a assembléia dos ratos
- () a galinha valdosa
- () a raposa e as uvas
- () a coruja e a águia

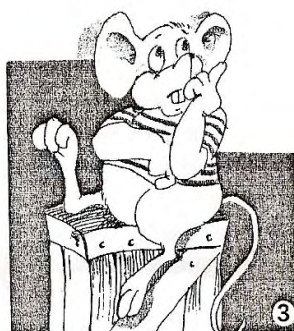
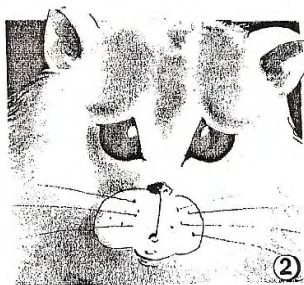
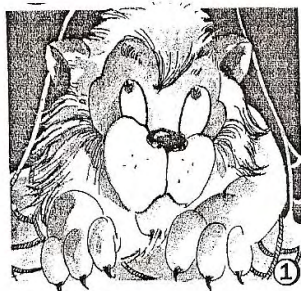


4- Decifre as falas dos balões e depois diga quem as pronunciou.

A	Á	À	Ã	B	C	Ç	D	E	É	Ê	F	G
H	I	Í	J	K	L	M	N	O	Ó	Ô	Õ	P
Q	R	S	T	U	Ú	V	W	X	Y	Z		
ponto-de-exclamação 			travessão 				ponto-de-interrogação 					



5- Quem são estas personagens?



1. _____
2. _____
3. _____
4. _____

Agora relacione cada um delas com as passagens corretas:

() Os ratos discutiam com alvoroço qual seria a melhor solução para o problema. Nenhum deles tinha dúvida de que o melhor seria ver Bigodes Brancos a muitos quilômetros de distância.

() _ Por favor, Majestade das selvas, não me esmague!
 _ E você tem alguma boa razão para eu não faça isso?
 _ Bem... talvez um dia eu possa ajudá-lo!

() "Você vender o leite e comprar uma dúzia de ovos."
 "Depois, choco os ovos e ganho uma dúzia de pintinhos."
 "Quando os pintinhos crescerem, terei bonitos galos e galinhas."
 "Vendo os galos e crio as frangas, que são ótimas botadeiras de ovos."
 "Choco os ovos e terei mais galos e galinhas."

() A deusa do amor, acostumada a ouvir os mais esquisitos pedidos, ficou com pena da gata e decidiu ajudá-la. Com seus poderes mágicos, transformou-a numa linda mulher.

6- Encontre, diagrama, as palavras que completam as lacunas das frases abaixo.

- a) E, assim, João Tibiriçá matou a galinha que punha _____
- b) Bem...ele tentou _____ como um leão, mas _____ como um burro.
- c) _ Ninguém tem _____ mais belas do que eu. A minha _____ é de dar inveja.
- d) _ All Desta vez salu uma _____ da minha Tampa!
 _ protestou a panela de barro.

A	D	G	J	L	P	E	N	A	S	Z	C	B	M	H
F	S	R	U	O	V	O	S	D	E	O	U	R	O	E
Ã	E	G	C	A	U	D	A	L	Q	E	T	F	S	X
Z	C	B	F	S	Q	E	T	U	O	L	J	N	H	U
C	N	A	I	R	E	S	C	A	I	R	O	Á	S	Õ
B	Ê	V	R	Z	G	Q	U	E	V	A	J	U	M	H
B	A	A	T	U	E	R	G	V	P	O	L	I	Ó	S
R	C	A	M	R	S	C	R	I	O	M	F	E	T	U
Â	S	Â	N	R	C	E	D	H	L	S	G	J	L	A
M	D	U	Q	O	O	J	R	C	E	Á	S	E	F	T
A	C	R	I	U	A	T	U	A	Á	L	V	R	Ã	O
N	F	R	O	L	S	E	T	C	S	A	H	Q	U	I
E	Q	A	E	A	N	I	R	I	V	S	S	R	T	U
S	A	R	A	M	O	R	I	M	I	C	O	M	A	Z
F	J	I	S	L	A	Z	C	D	A	A	U	I	N	U

7- Observe as orações abaixo. Reescreva-as passando para o presente do indicativo.

a) A lebre vivia a se gabar de eu era o mais veloz de todos os animais.

b) O galo cacarejava em cima de uma árvore. Vendo- ali, a raposa tratou de bolar uma estratégia para que ele descesse e fosse o prato principal do seu almoço.

c) Um pastor de ovelhas achava a vida muito monótona. Por isso, inventava de tudo para se distrair. A sua diversão favorita era fingir que estava em apuros.

8- Aprendemos que Paráfrase é contar uma história do seu jeito, mas mantendo o sentido da história original.

Escolha duas fábulas do livro "Fábulas de Esopo" e faça uma paráfrase.

9- Explique, com as suas palavras o que você entende pelos seguintes ensinamentos retratados das fábulas:

a) "Não tente imitar os outros; seja sempre você mesmo."

b) "Não há beleza perfeita".

c) "Sempre que o fraco se associa ao forte sai perdendo".

Boa Sorte! Ihr



Anexo 20

Importante



- Março -

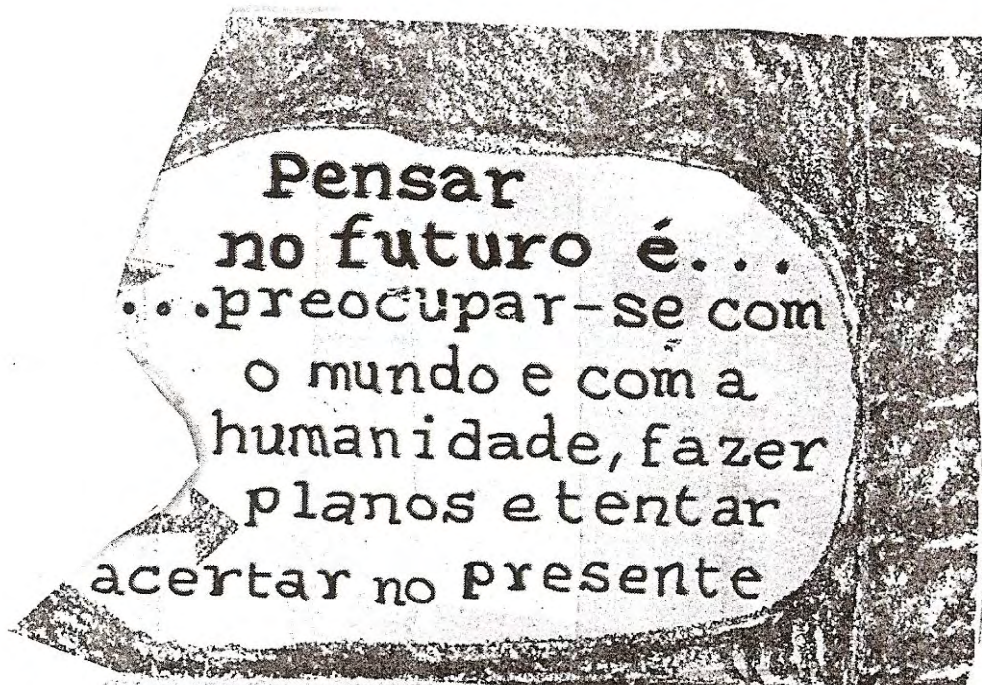


Semana 03 a 07/03.

Acolhida!!!

Seg. feira → 03.

Oriança,



Após a leitura de opiniões de algumas crianças sobre o futuro, do jornal Almanaque - O Popular, res-
posta:

A minha Pa-
vos dou.



MARIA JOSÉ BRAGA

Quando a gente fala em futuro, pode estar pensando no próximo mês, no ano que está apenas começando, nos anos seguintes ou num tempo distante, mas tão distante que fica até difícil imaginar. De uma forma ou de outra, desde pequenos começamos a nos preocupar com ele. "O que você vai ser quando crescer?", por exemplo, é uma pergunta que a gente acaba ouvindo muitas vezes. Muitas mesmo!

Mas pensar no futuro não é apenas pensar em si mesmo. A garotada, desde cedo, percebe que não vive sozinha (ainda bem!) e que sua casa, sua cidade, seu país e o mundo inteiro fazem parte de sua vida. Então, pensar no futuro é pensar em tudo isso? "Eu penso em mim, na minha profissão e em nosso planeta", diz Maria Tereza Batistá Ventura, 12 anos.

A exemplo de Maria Tereza, Guilherme Ferreira de Amorim, 12 anos, Gabriela Gonçalves Damas, 9 anos, Ézio Fernandes Prates, 11 anos e Ana Carolina Frassait Mamede, 10 anos, também estão preocupados com o futuro, o próprio e o do planeta Terra. "Pensar no futuro é o pensar o mundo amanhã", diz Gabriela.

Por isso, todos estão muito preocupados com as questões ambientais, com as guerras e a pobreza e com os muitos preconceitos que ainda existem. E dizem que muita coisa no mundo pode melhorar; daí a importância do futuro.

O pensamento deles sobre o futuro é um pouco parecido com o do filósofo alemão Martin Heidegger. Em suas reflexões sobre o tempo, Heidegger tratou o futuro como uma possibilidade de mudança (ou de manutenção) do passado. Mas as coisas não melhoram só com a passagem do tempo. Mudanças e melhorias exigem esforços e quem é esperto sabe disso.

Para começar, nada melhor do que cada um fazer sua parte para que todos tenham um mundo melhor e, individualmente, planejar o futuro. Ézio, por exemplo, quer ser jogador de futebol e planeja entrar para uma escolinha este ano. Guilherme quer ser engenheiro civil e o primeiro passo para chegar lá é melhorar o comportamento em sala de aula. "Estou me segurando e vou parar de fazer bagunça", promete.

As meninas planejam estudar bastante. Ana Carolina também colocou em seus projetos uma viagem, em julho, e aulas de canto, porque está formando uma banda com suas primas.

Fotos: Mantovani Fernandes



"O futuro como tempo que virá é muito importante, porque a gente pode agir para melhorar as coisas."

Maria Tereza Batistá Ventura, 12 anos



"Pensar no futuro é pensar o mundo amanhã. As pessoas deveriam pensar primeiro no mundo e depois em si. Se alguém tem uma empresa e derruba uma floresta para obter madeira, não pensa no mundo."

Gabriela Gonçalves Damas, 9 anos



"Eu penso muito nos avanços da tecnologia, que podem trazer muita coisa boa, mas também novos problemas."

Ana Carolina Frassait F. Mamede, 10 anos



"O futuro não é algo muito distante. Já fiz um rascunho do meu ano e pretendo fazer muita coisa nova."

Ézio Fernandes Prates, 11 anos

Anexo 21

FÁBULAS

Monteiro Lobato

A cigarra e as formigas

I – A FORMIGA BOA

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu — *tique, tique, tique...*

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

— Que quer? — perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

— E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chido nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.



II — A FORMIGA MÁ

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou — emprestados, notem! — uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

— Que fazia você durante o bom tempo?

— Eu... eu cantava!...

— Cantava? Pois dance agora, vagabunda! — e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas — poetas, pintores, músicos — são as cigarras da humanidade.

— Esta fábula está errada — gritou Narizinho. Vovó nos leu aquele livro do Maeterlinck sobre a vida das formigas — e lá a gente vê que as formigas são os únicos insetos caridosos que existem. Formiga má como essa nunca houve.

Dona Benta explicou que as fábulas não eram lições de História Natural, mas de Moral.



— E tanto é assim — disse ela — que nas fábulas os animais falam e na realidade eles não falam.

— Isso não! — protestou Emília. Não há animalzinho, bicho, formiga ou pulga, que não fale. Nós é que não entendemos as língüinhas deles.

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

— Sim, mas nas fábulas os animais falam a nossa língua e na realidade só falam as língüinhas deles. Está satisfeita?

— Agora, sim! — disse Emília muito ganhenta com o triunfo. Conte outra.

A coruja e a águia

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

— Basta de guerra — disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

— Perfeitamente — respondeu a águia. — Também eu não quero outra coisa.

— Nesse caso combinemos isto: de ora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

— Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

Anexo 22

**ABRACE
NOSSA CAUSA.
CUIDE DAS CRIANÇAS
NO TRÂNSITO.**

Ajude a salvar nossas crianças. Cuide delas no trânsito.

Todos os anos, mais de mil crianças morrem em acidentes no trânsito. Precisamos fazer alguma coisa. No carro, crianças até sete anos têm que estar em uma cadeirinha especial e as de sete a dez anos, no banco de trás e com cinto. Ao atravessar a rua, olhe para os dois lados, respeite a sinalização e segure a criança pelo pulso. Além disso, não deixe as crianças brincarem perto de ruas. Os lugares seguros são parques, praças e quadras fechadas, sempre com a presença de um adulto. Com a ajuda de todos, um grande problema pode ter uma simples solução.

www.saude.gov.br
www.cidades.gov.br
 DISQUE SAÚDE 0800 61 1997


 SUS 13 ANOS

Denatran
 Ministério das Cidades
 Ministério da Saúde


 BRASIL
 UM PAÍS DE TODOS
 GOVERNO FEDERAL

Anexo 23

A Grande Cozinha.

O ingrediente indispensável para quem tem prazer em comer e cozinhar.



APENAS
R\$ **12,90**
CADA
VOLUME
COLECIONE!

Todo sábado
nas bancas.
Edição limitada.

VOLUME 17:
QUEIJOS

 **Abril
Coleções**

www.agrandecozinha.com.br

Próximos volumes: Pães & Cia. • Coquetéis e Aperitivos • Cozinha Mediterrânea • Cozinha Vegetariana • Cozinha ao Vapor • Cozinha ao Forno • Cozinha na Frigideira • Cozinha na Panela Wok

Anexo 24

SAÚDE & BEM-ESTAR FEBRE AMARELA

Ameaça dupla

Casos de febre amarela mostram que o mosquito da dengue é mais perigoso do que se pensava

SUZANE FRUTUOSO

O BRASIL É AMEAÇADO HÁ DUAS DÉCADAS pela dengue. No ano passado, a epidemia registrou 500 mil casos da doença e 121 mortes. A persistência da dengue, em números tão altos, é uma vergonha para o país. Neste verão, a situação pode piorar. O *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue, é capaz de transmitir também a febre amarela, doença que alarmou vários Estados nos últimos dias. Até sexta-feira, havia sido confirmada a morte de uma pessoa por febre amarela no Distrito Federal. Outras duas mortes, no Paraná e em Goiás, estavam sendo analisadas. Os indícios são de febre amarela silvestre. Todos os doentes haviam visitado regiões de mata em que a doença é endêmica. Nas regiões urbanas, a febre amarela está erradicada desde 1942. Mas a proliferação do *Aedes aegypti* pode provocar a reurbanização da doença.

A transmissão da febre amarela silvestre acontece quando mosquitos *Haemagogus*

ou *Sabethes* picam um macaco (hospedeiro natural do vírus) na mata e em seguida picam o homem. A probabilidade de morrer é altíssima: até 50%, segundo algumas estimativas. O pior ano foi 2000, com 40 mortes. A doença tem um período de incubação de três a sete dias. Se a pessoa voltar para a cidade, pode levar o vírus. Ai entra em cena o *Aedes*. Se ele picar uma pessoa contaminada, torna-se um possível transmissor da febre amarela. Na cidade. O risco de isso ocorrer é pequeno porque, para iniciar o ciclo, uma pessoa tem de ser picada duas vezes – primeiro na selva, depois na cidade. Mas, com o número de mosquitos *Aedes* descontrolado, a probabilidade aumenta.

Aparentemente, o vírus que causa a febre amarela está em atividade maior. Evidência disso foi o registro da morte de 92 macacos em regiões típicas da endemia nos últimos três meses. Exames já confirmaram que quatro deles tinham a febre. O ministro da Saúde, José Gomes Temporão, afirmou

que não há risco de epidemia. Não convém ser tão taxativo. “A possibilidade de a febre amarela atingir as cidades é concreta”, diz o infectologista Marcos Boulos, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. “Enquanto existir o *Aedes*, temos de ficar preocupados.”

A vacina é o que há de mais eficaz no combate à febre amarela. É uma vantagem em relação à dengue. “Imunizar a população é mais fácil que controlar a proliferação do *Aedes aegypti*”, afirma o infectologista José Cerbino Neto, do Instituto Evandro Chagas, da Fundação Oswaldo Cruz. Tecnicamente, é. Mas, mesmo com a vacina disponível nos postos de saúde o ano todo, poucas pessoas se protegem quando viajam para os locais de risco.

Estariamos mais protegidos se o *Aedes* fosse eliminado. O governo gasta R\$ 800 milhões por ano com ações preventivas – como campanhas educativas contra manter água parada, habitat preferido do mosquito. Mas essas ações têm se mostrado insuficientes. O mosquito está por todo lado. Quem sabe o risco de febre amarela seja o impulso que faltava para acabar com a dengue. ♦

@ www.epoca.com.br

Leia outras informações sobre a vacina

O risco de epidemia

A forma urbana da doença está erradicada desde 1942. Mas a proliferação do *Aedes aegypti* pode trazê-la de volta

O QUE É A FEBRE AMARELA

Doença infecciosa, causada por um vírus. A transmissão ocorre com a picada de mosquitos infectados

EXISTEM DOIS TIPOS

Silvestre Transmitida pelos mosquitos *Haemagogus* e *Sabethes*, que vivem na mata.

Ataca geralmente macacos. O homem é hospedeiro acidental

Urbana Transmitida pelo *Aedes aegypti*, o mesmo que causa a dengue



PRIMEIRAS VÍTIMAS A morte de macacos deu o alerta

SINTOMAS

Febre alta, dor muscular, pele e olhos amarelados, **hemorragias**, mau funcionamento dos rins e do fígado

DIAGNÓSTICO

Os sintomas são similares aos da dengue e da malária. **Exames laboratoriais** podem confirmar a doença

TRATAMENTO

Não há remédio. Os pacientes hospitalizados devem repousar, **repor líquidos** e sangue

PREVENÇÃO

A vacina é gratuita, eficaz e vale por dez anos. **Disponível nos postos de saúde.** Deve ser aplicada dez dias antes da viagem

ÁREAS DE RISCO



Endêmica Transição
Fora de risco Risco potencial



VACINA Postos de saúde lotaram

Anexo 25

Cidadezinha qualquer

Texto I - Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

De Alguma poesia (1930)

Carlos Drummond de Andrade

Texto II

Cidadezinha²

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua Igreja de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca nem um segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (a triste sinal)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...

Mário Quintana (1906-1994):

Anexo 26



**LER E
APRENDER**

Ética

Aquilo

Quando aquilo apareceu na cidade, teve gente que levou um susto.

Teve gente que caiu na risada.

Teve gente que tremeu de medo.

E gente que achou uma delícia.

E gente arrancando os cabelos.

E gente soltando rojões.

E gente mordendo a língua, perdendo o sono, gritando viva, roendo as unhas, batendo palma, fugindo apavorada e ainda gente ficando muito, muito, muito feliz.

Uns tinham certeza de que aquilo não podia ser de jeito nenhum.

Outros também tinham certeza. Disseram: – Viva! Que bom! Até que enfim!

Muitos ficaram preocupados. Exigiram que aquilo fosse proibido. Garantiram que aquilo era impossível. Que aquilo era errado. Que aquilo podia ser muito perigoso.

Outros, tranqüilos, festejaram, deram risada, comemoraram e, abraçados, saíram pelas ruas, cantando e dançando felizes da vida.

Alguns, inconformados, resolveram perseguir aquilo. Disseram que aquilo

não valia nada. Disseram que era preciso acabar logo com aquilo ou, pelo menos, pegar e mandar aquilo para bem longe.

Muitos defenderam e elogiaram aquilo. Juraram que aquilo era bom. Que aquilo ia ser melhor para todos. Que esperavam aquilo faz tempo. Que aquilo era importante, bonito e precioso.

Alguém decidiu acabar com aquilo de qualquer jeito.

Mas outro alguém disse não! E foi correndo esconder aquilo devagarinho no fundo do coração.

Caro leitor: aquilo pode ser muitas coisas. Se sentir vontade, pegue um lápis e uma folha de papel e escreva sobre aquilo: diga, em sua opinião e em seu sentimento, o que é aquilo, como é aquilo, o que aquilo faz, de onde aquilo veio, para onde aquilo vai e que sentido, afinal, aquilo tem. Se quiser, desenhe aquilo também.

Conto de Ricardo Azevedo, extraído do livro *Se Eu Fosse Aquilo...* (publicado pela Editora Ática), ilustrado por Mauro Nakata

Anexo 27

Do que eu tenho medo

Clarice Lispector

Bem, o jeito mesmo é começar fazendo uma confissão: a de que sou um pouquinho covarde, tenho meus medos. E você vai rir de mim quando souber de que é que receio tanto. É... bem, é...

(Vou tomar uma bruta coragem e dizer de uma vez.)

Tenho tanto medo é do... Saci-Pererê! Mas que alívio em já ter confessado. E que vergonha. Só não juro que o Saci existe porque não se deve ficar jurando à toa, por aí. Você é provavelmente de cidade e não me acredita. Mas que nas matas tem saci, lá isso tem. E eu garanto essa verdade que até parece mentira, garanto, porque já vi esse meio-gente e meio-bicho.

E para que você acredite em mim, vou descrevê-lo: ele é um diabinho de uma perna só (apesar de miraculosamente cruzar a perna). Dou a você como garantia minha palavra de honra. E ele anda sempre com um cachimbozinho.

Devo dizer que ele não é pessoa de fazer grandes maldades. É, mas faz as pequenas e marotas. Às vezes quando lhe negam fumo – é melhor ter sempre tabaco numa caixinha porque prevenir é melhor do que remediar – como eu ia dizendo, quando lhe negam fumo, ele faz das suas. Pois se até leite fervido ele azeda!

Mosca na sopa? Pois foi ele o pequeno malfeitor. Brincadeira tem hora, às vezes a gente fica com raiva.

Sem falar que o Saci assusta as galinhas, coitadas, que já são por natureza assustadas. E, mas não é que ele faz com que fiquem completamente espavandadas.

Dona-de-casa? Cuidado porque ele queima o feijão na panela. E o danadinho faz essas coisas ou para se vingar ou para se divertir e gostar de atrapalhadas.

Dou minha palavra de que já dei muito fumo ao Saci. Se você não acredita, vou então descrevê-lo: usa na cabecinha sabida uma carapuça vermelhíssima e escandalosíssima, tem a pele mais negra do que carvão em noite escura, uma perna só que sai pulando e, é claro, um cachimbozinho aceso porque ele tem, como eu, o vício do fumo.

Mas uma vez eu me vinguei. Quando ele me pediu fumo, dei. Mas misturei ao tabaco... um pouco de pólvora (não demais porque eu não queria matá-lo). E quando ele tirou a primeira tragada, foi aquele estrondo. Porque eu também sou um pouquinho Saci-Pererê: foi com ele mesmo que aprendi as manhas.

Aviso ao Saci: por favor não se vingue de mim botando pólvora no meu fumo, porque eu me vingarei pondo fogo na mataria toda!

Acho que tenho dito!



Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, em 1920, veio para o Brasil ainda bebê e viveu muito tempo em Recife. Desde menina, ela gostava de inventar e de escrever histórias. Quando começou a trabalhar como jornalista, Clarice publicou seus primeiros contos. E, até a sua morte, em 1977, nunca parou de escrever para adultos e crianças. Do que eu tenho medo foi retirado do livro Como nasceram as estrelas -

Anexo 28

ESTADO DE GOIÁS
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DELEGACIA METROPOLITANA DE EDUCAÇÃO



Cardápio da Leitura

- * **Roda da Leitura:** todos os alunos sentados, em formato de um círculo, para a realização da leitura do dia.
- * **Vender o Livro:** todos os alunos, após a leitura do livro, um por vez, fará a apresentação do livro lido. Deverá, no seu momento, convencer aos demais que o mesmo é bom.
- * **Dramatização do Livro:** o professor deverá sugerir 3 (três) livros para os alunos escolherem. Após, realizará a leitura e o desenvolvimento do teatro, envolvendo-os na história e dramatização.
- * **Propaganda do Livro:** o aluno fará o papel de autor para promover a propaganda do livro, porém, não poderá contar o final do mesmo.
- * **Caixinha da Leitura:** o professor selecionará algumas frases, parágrafos curtos, textos e outros, colocando-os em uma "caixa". No momento reservado à leitura, cada aluno retirará da caixinha surpresa o que deverá ler no dia.
- * **Palanquinho:** ao término da leitura, o aluno subirá no palanquinho para falar que parte do livro mais gostou. Ele tomar-se-á o centro das atenções.
- * **Contador de História:** no momento de integração do "curtindo as leituras", o zelador, o pai, a coordenadora e outros mais, serão convidados para contar uma história.
- * **Alô Leitura:** o professor dividirá a turma em grupos - de 2 a 2 (dois a dois), onde todos simularão uma ligação telefônica para contar ao amigo o livro que escolheu e aquilo que mais chamou sua atenção ao lê-lo.
- * **O Painel da Leitura:** cada aluno escreverá uma frase que identifique o livro por ele lido. Essa frase vai para o painel destacando a leitura realizada no dia.
- * **Self-Service:** o professor colocará, à disposição dos alunos, várias opções de leitura, por exemplo, gibis, revistas, literaturas e outros, para que escolham a leitura do dia.
- * **A Cadeira do Leitor:** o professor enfeita uma cadeira para colocá-la em frente aos demais alunos, e, assim, o aluno escolhido, falará sobre o livro lido.
- * **Gira Gira do Livro:** cada aluno lerá uma página do livro, e, ao final, todos terão participado.
- * **Música na Leitura:** "curtindo as leituras" é o momento onde o professor escolherá uma música para trabalhar: a letra, melodia e interpretação ... é um instante descontraído e diferente.

Anexo 29

ESTADO DE COIAS
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DELEGACIA METROPOLITANA DE EDUCAÇÃO

* **Feira do Livro:** o professor promoverá, na escola, uma feira de exposição dos livros lidos pelos seus alunos. Convidará outra(s) turma(s) para que, durante o evento, possam outros alunos apreciar as apresentações dos livros. Cada aluno apresentará 3 (três) livros na exposição.

* **Troca Troca da Leitura:** após realização da leitura diária, o professor fará a divisão da turma em grupos de 2 (dois a dois) ou 3 (três ...), para que, nos grupos, aconteça a troca de experiência do livro lido - cada um no grupo fala do livro que leu.

* **Teatro da Leitura:** procedida a leitura do livro escolhido, o aluno apresentará o conteúdo da história através de teatro - de vara, fantoches, dobraduras e outros.

* **Recontando a História:** momento em que cada aluno terá a oportunidade de recontar uma história, uma lenda, caso ou caso (real).

* **Textoteca:** é quando o professor colocará, à disposição dos alunos, textos diversos para leitura.

* **Repórter da Leitura:** o professor escolherá um aluno para ser o repórter. As perguntas deverão ser direcionadas para o questionamento do livro lido pelo entrevistado.

* **Personagem da História:** realizada a leitura do dia, o aluno deverá comentar os personagens que mais se destacaram na história em questão.

Cotidiano

Final de semana movimentado para o Corpo de Bombeiros de Catalão

De acordo com o Tenente Prudente, do Corpo de Bombeiros de Catalão, somente neste final de semana foram registradas 37 ocorrências, 11 na sexta, 9 no sábado e 17 no domingo. A maioria resgates, mal súbito, afogamento, quedas e 7 acidentes de trânsito. O Tenente fez questão de ressaltar que foi um final de semana atípico, pois além de queimadas em matas da cidade houve três incêndios em residências.

O primeiro deles aconteceu no sábado pela manhã, por volta de 8h e 16min. Terceiros acionaram o Corpo de Bombeiros para conter o fogo em uma residência no bairro Castelo Branco. Segundo o Tenente, ao que tudo indica, o incêndio começou pelo fato de a moradora ter esquecido um cigarro aceso no quarto. Não houve vítimas, somente danos materiais. Apenas o quarto foi incendiado.

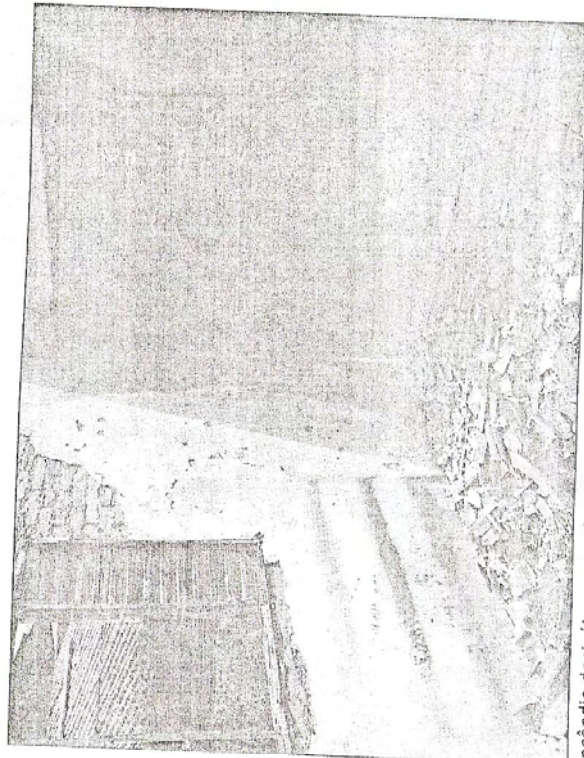
Assim que terminou esta ocorrência, os bombeiros receberam um novo chamado para conter outro incêndio que começou por volta das 8h e 56min no bairro Ipanema. Segundo o Tenente, o fogo pode ter sido provocado por descuido dos moradores, pois quando os bombeiros chegaram à casa encontraram vestígios de fogo na mangueira do gás. A cozinha da residência ficou toda destruída. Não houve vítimas, apenas danos materiais.

No domingo um novo incêndio destruiu praticamente

toda uma residência no bairro Santo Antônio. Segundo o Tenente, quando os bombeiros chegaram ao local, por volta das 18h e 43min, o fogo já estava sem controle e se alastrava por quatro cômodos da casa. Os moradores não souberam informar o motivo do incêndio. Percebendo que não conseguiriam controlar o fogo, os próprios moradores acionaram os bombeiros. Não houve vítimas, mas poucos objetos da casa foram danificados.

Um fim de semana agitado para o Corpo de Bombeiros que costuma atender, em média, cerca de cinco a seis ocorrências de incêndio em residências por ano, mas somente neste final de semana foram três. De acordo com Prudente, incêndios e acidentes em residências se dão por descuidos simples; uma instalação elétrica mal feita, vários equipamentos eletrônicos ligados na mesma tomada, panela esquecida no fogo, cigarros e velas acesas em algum canto. "Cuidados simples podem evitar grandes acidentes", alertou o bombeiro.

Outro caso aconteceu no domingo pela manhã, num clube da cidade. Segundo informações dos Bombeiros, o garoto M.K.B.L. de 13 anos, morador do



Incêndio destrói casa em Catalão

Setor Universitário, brincava na piscina do clube e num determinado mergulho não voltou à superfície. Alguns pessoas que estavam no local deram o alerta e o menino conduzido ao Pronto Socorro. Até o fechamento desta edição [18h], de acordo com o Corpo de Bombeiros, M.K.B.L. estava na UTI, mas não corria risco de morte.

Anexo 31

1) " O médico me proibiu de mexer com fumaça, pois já tive pneumonia. Mas meu pai não aguenta trabalhar sozinho. Desde os 7 anos ajudo ele. Comecei fazendo porta de forno, depois aprendi tudo. "

2) Sabe o que é esse gato preto entre aspas? É o empreiteiro, o homem que contrata os carvoejadores e depois leva todos para morar em barracas, dentro das florestas onde estão os eucaliptos que vão virar carvão. É ali, no meio da fumaça e longe da cidade, que famílias como a de Luciene vivem.

3) Aposto que você não sabia que o carvão é a lenha do eucalipto queimado em fornos chamados "rabos quentes", sabia? E, se não sabia disso, também não deve saber que rabo quente é uma espécie de iglu (já viu como é a casa do esquimó?), feito de tijolo e barro, que arde e estala com o fogo aceso durante três dias.

4) Agora, pare um pouco e pense como deve ser horrível a gente não poder deitar na cama macia, cheirosa e quentinha, ainda mais quando está caldo de cansado. Pois é.. Esta história dos filhos do carvão só tem fumaça e tristeza. Se eu fosse pintar, só usaria o lápis cinza. E o preto também, claro, pra pintar o carvão e o "gato"

5) Quem contou e até mostrou tudo isso para a minha professora foi a Luciene, uma menina de 15 anos, que vive numa fazenda em Agua Clara (no Mato Grosso do SUL). Ela tem mais dois irmãos adolescentes e duas irmãs pequenas. Todos trabalham com o pai numa carvoeira. Escute só o que mais ela falou:

6) Esta história cinza-triste me faz lembrar de amarelinha. É que minha mãe sempre me dá um pedaço de carvão quando eu quero riscar uma amarelinha na calçada. É melhor que giz, porque o preto aparece mais. Será que essas crianças do carvão já brincaram alguma vez de amarelinha?

Jô Azevedo, Iolanda Huzak, Cristina Porto, Serafina e a criança que trabalha: histórias de verdade, São Paulo, Ática, 1995.

Seguindo as pistas do texto

1. O narrador explica o que é o carvão. É a lenha do eucalipto queimada em fornos chamados "rabos Quentes".

Consulte o dicionário o que significa essa expressão?

2. O que significam os termos:

a) carvoeiro _____
 b) carvoejador _____

Anexo 32

Entrevista com dona Catarina

Meu nome é Catarina. Pedi a palavra à minha aluna Serafina para conversar um pouco com você sobre o *Estatuto da Criança e do Adolescente*. só que ela me concedeu apenas uma parte das palavras: aquela que se refere às respostas das perguntas que ela mesma gostaria de me fazer sobre o ECA (como é conhecido o estatuto).

_ Vamos lá, Serafina? Podemos começar?

_ Pode, sim, Serafina. É um livro, mais ou menos do tamanho de um caderno.

_ Um conjunto de leis, que foram feitas pensando em proteger a criança e o adolescente.

_ Fazendo valer o direito que todos eles, todos vocês têm de levar uma vida digna e saudável, para se tomarem adultos capazes de serem felizes.

_ Bem, o estatuto fala sobre o direito à vida e à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à convivência familiar, à educação, cultura, esporte e lazer, à profissionalização e proteção ao trabalho...

_ É sim, Serafina. E o direito ao ensino fundamental, isto é, da primeira à oitava série, que é obrigatório e gratuito, deve ser garantido pelo Estado, quero dizer, pelos governantes.

_ Calma, Serafina, que eu vou explicar. Na parte que se refere ao trabalho, o ECA diz que é proibido qualquer trabalho a menores de 14 anos, a não ser na condição de aprendiz e só a partir dos 12 anos. (...)

_ As autoridades competentes, com ajuda da sociedade, Serafina, ou seja, com a nossa ajuda: a minha, a sua, a dos seus colegas, amigos, vizinhos parentes, amigos e parentes dos vizinhos...

_ É só não fechar os olhos e dar as costas ao problema, como se ele também não fosse nosso. Olhando, enxergando e denunciando, quando necessário. (...)

_ Você, sozinha, Serafina? Isso nunca vai acontecer! Eu vou poder ajudá-la, o seu Nonô, também, tenho certeza, os seus pais, seus avós... Sempre haverá algum adulto por perto pronto para orientá-la, fique sossegada.

_ E tem outra coisa, Serafina, aliás, muito importante. Você e todas as outras crianças que estão podendo freqüentar uma escola não devem esquecer jamais que o estudo é um trabalho que prepara o futuro. Mas o trabalho que impede as crianças de irem à escola só está tirando delas a possibilidade de um futuro melhor. E, por falar nisso, você já fez a lição de casa hoje?...

Anexo 33

Entrevista com dona Catarina

- É que direitos são esses, dona Catarina? Fale sobre alguns...

- Tudo bem, professora. Mas eu estava aqui, pensando uma coisa. A senhora disse que essas leis tinham sido feitas para proteger a criança e o adolescente, fazendo valer seus direitos. Mas como e quem é que vai fazer valer tudo isso?

- Vamos lá, professora? Podemos começar?

- É o que significa esse direito de proteção ao trabalho? Se deve existir a proteção, por dizer que o trabalho também existe, não? Então a criança pode trabalhar?

- É, a senhora tem razão. Depois de ficar sabendo de todas essas histórias, ninguém vai conseguir ficar indiferente.

- Calma, calma, professora. Quando chega a vez dos substantivos abstratos fica mais difícil de entender. Então, se toda criança tem direito à educação e ao lazer, quer dizer que tem direito de ir à escola e de brincar, também, não é isso?

- É o que está escrito nele?

- É como eu, cozinha, vou poder fazer isso, professora?

- Hoje é sexta-feira, esqueceu, professora? É nas sextas-feiras a senhora quase nunca dá lição pra casa. É faz isso pra respeitar o nosso direito do lazer nos fins de semana, não faz?

- Mas como, dona Catarina, como?

- Proteger como?